

Entrevista

Por Gláucia Figueiredo com Luiz Benedicto Lacerda Orlandi¹

Orlandi foi professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas desde 1968. Diretor deste departamento entre 1984 e 1989 e seu chefe entre 1989 e 2001. Aposentou-se em 1999 e voltou a lecionar como Professor Colaborador Voluntário em 2000, atuando em graduação e pós-graduação, como professor e orientador, e no pós-doutorado como supervisor, a partir de 2008. Orlandi trabalhou junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC-SP, entre 1996 e 2012, a convite de Sueli Rolnik e Peter Pál Pelbart. Foi membro do conselho científico do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp (1997-2000). É membro fundador e diretor adjunto do Centro de Estudos da Filosofia Moderna e Contemporânea (CEMODECON) da Unicamp.

Tomo a liberdade para dizer o que atualmente Orlandi têm feito e utilizo as palavras do nosso querido amigo Guilherme Ivo (*In Memoriam*), outro tradutor de Deleuze, em parceria com o Orlandi, para melhor expressar seus feitos. Tais palavras descrevem de modo único e potente a “bionomádica” de nosso mestre.

“Luiz Orlandi é poeta no jardim e na brincadeira, entre tudo que lá existe. Ele é filósofo no deserto, infatigável caminhante nas fendas estudiosas do pensamento. Mas seu deserto tem um mapa curioso, com linhas em metamorfose, mágica da intersecção: o deserto tem mapa de jardim. Sua solidão não é uma ensimesmada, mas solidão povoada, como ele diz, com Deleuze, e povoadora. Nômade camaleônico à espreita de novas cores para camuflar. Qual um oásis, seu jardim faz do deserto Estrada Aberta: corpos e mentes caminhando apenas a contento e esforço, mas encontrando-se ao trilharem suas vias, ajudando-se em mútua simpatia.” (Fragmento da orelha do Livro *Arrastões na Imanência*, Campinas: Editora Phi, 2018).

GF [Gláucia Figueiredo]

LO [Luiz Orlandi]

GF – Conte sobre sua formação acadêmica. Quando e como aconteceu a sua aproximação ao pensamento de Deleuze?

L.O - Querida amiga, iniciarei minha participação no campo de suas perguntas privilegiando sua expressão – “Formação acadêmica”. Certamente, como você e também como Deleuze e Guattari, entendo o termo formação acadêmica como uma atração irresistível por encontros que fustiguem meu fervor

¹ Nesse número especial da *DIAPHONÍA*, quando celebramos o centenário de Gilles Deleuze, a Revista entrevista o Professor Doutor Luiz Benedicto Lacerda Orlandi [LO]. Pedagogo, Filósofo e Tradutor de obras de Gilles Deleuze no Brasil. A entrevista foi realizada presencialmente pela amiga e ex-orientanda do professor Orlandi, Gláucia Figueiredo [GF], uma das organizadoras e colaboradoras deste Dossiê, a quem a Revista *Diaphonía* agradece e reconhece seus créditos.

estudioso, a mergulhar em problemáticas filosóficas a partir de quaisquer detalhes, mesmo que fora de detalhes tipicamente escolares. Por isso, vou anotando abaixo o que venho acumulando como ajuda.

A respeito de quando e como me envolvi com o pensamento de Deleuze, isso ocorreu como um processo de certo modo inevitável, dada minha ligação anterior com o pensamento filosófico elaborado ou intermediado pela França: minhas leituras das variações marxistas vindas da França, além das minhas dedicações aos próprios pensadores franceses, como Sartre e Merleau-Ponty. Sempre atento a lutas sociais, minha disposição intelectual, entretanto, era viver emaranhados de buscas. Quando Deleuze me aparece, ele ganha meus afetos imediatamente, porque minhas buscas se sentiam justificadas graças às cintilações das *diferenças*. Eu o tomo como o pensador que mais devora os outros pensadores. Gostei disso imediatamente ao ver, por exemplo, como ele captura Heidegger, justamente a respeito do conceito de diferença. E além deste conceito, esses dois pensadores valorizam maximamente a pergunta pelas *questões*, coisa que já se animava em minhas pesquisas inspiradas por Sartre e Merleau Ponty. Para exemplificar essa ajuda pré-deleuzeana, mas que Deleuze e seu Nietzsche intensificarão em seguida, eu poderia indicar a leitura da minha tese de doutorado em filosofia guiada pela pergunta: "Como se dá, nas obras de Merleau-Ponty, o reconhecimento da linguagem como problema filosófico?".

Escrevi essa tese em 1974, isto é, apenas quatro anos depois dos meus primeiros encontros com textos de Deleuze, mas encontros ainda iniciais, como se estivesse vendo algumas aulas dele, como outros brasileiros que eu encontrava em manifestações a favor do Vietnã. Isto aconteceu depois do lançamento da primeira edição francesa de *Diferença e Repetição* e da primeira edição de *Espinosa e o problema da expressão*. Foram os dois primeiros livros que vi ao entrar pela primeira vez numa livraria francesa. Pensei: "Pegarei o Espinosa antes". Por quê? Por causa do problema da expressão. É que esse problema, imaginei, estará beliscando sempre a razão da minha permanência pelos próximos dois ou três anos na França, até obter o que a Unicamp e a Fapesp exigiam de mim: meus certificados em linguística e meu mestrado em alguma disciplina de minha escolha.

Em filosofia, o diferencialismo deleuzeguattariano estava oferecendo uma espécie de necessária abertura de questionamentos já então praticados por Foucault e outros pensadores. A própria ideia de diferença já era motivo de trabalho epistemológico em História. Certa vez, em 1983, no Departamento de Filosofia do IFCH-Unicamp, montei um curso intitulado "Tratamento conceitual da diferença". O objetivo do curso era este: "Trata-se de acompanhar algumas reflexões da contemporânea filosofia da diferença, aproximando-a de certos usos epistemológicos da noção de diferença". As unidades desse curso foram as seguintes: 1. "Crítica de Deleuze ao alinhamento hegeliano da diferença". 2. Inventário de diferenças segundo Paul Veyne. E a bibliografia específica era esta: Deleuze, Gilles - *Différence et répétition*, R.V.F., Paris, 1972 (1ª Ed. 1968). Veyne, Paul, *L'inventaire des différences*, Leçon inaugurale au Collège de France, Ed. du

Seul, Paris, 1976. Na semana passada, num almoço com Zilda [companheira de Orlandi] no restaurante de uma imensa padaria, encontramos uma senhora professora de História, já avó, que nos fez lembrar que fora minha aluna justamente num curso que a levou a gostar muito de epistemologia. Essa recordação é fonte de alegrias que se acumulam na vida de quem é feliz em seus estudos.

G.F – Sobre seus estudos, em tenra idade, conte quando se interessou por Filosofia e por que foi fazer Pedagogia?

L.O - Vou entrar num primeiro exemplo para engatar com esta primeira resposta através de um exemplo aparentemente idiota, às vezes não só aparentemente. Idiotices ameaçam nos capturar em todos os livros dos mergulhos filosoficamente cegos. O que pratiquei foi organizar, aos 13 anos, em ordem alfabética os nomes de 387 filósofos, referidos na terceira edição de um excelente gráfico de História da Teologia, da Faculdade de Filosofia e Teologia de São Miguel, da República Argentina.

Odontologia e Pedagogia. Odontologia foi uma espécie de ocasião inevitável, digamos, de uma ocasião desencadeada pela minha amizade com um colega que ficou feliz indo para a Faculdade de Odontologia de Araraquara. Neste momento, eu estudava muita teoria e de teoria em teoria, as aprovações aconteciam sem um exame prático decisivo. Não havia. Era um tipo de ensino alheio à praticidade dele. Os exames eram orais e não articulatórios. Exemplo: era uma aventura fazer uma dentadura, coisa que eu acho que milhões e milhões de pessoas precisam. Se eu tivesse ficado só nesse ramo, eu teria continuado, porque sempre gostei de trabalhos manuais. Dentaduras. Dentaduras, mas isso não é nada simples. É coisa séria de saúde pública, a dentadura é melhor tê-la do que ter dentes e mais dentes estragados. Porque ter dentes é também ter que gastar dinheiro com os dentistas. É lógico que quem quiser manter os dentes precisa de dentista. Mas quem faz dentadura hoje em dia? Está muito bem. Não é só o pobre que precisa. Nessa mesma escola fui eleito para Presidente do Centro Acadêmico. Meu primeiro ato, depois de muitos atritos, foi acabar com a antiga recepção maldosa dos novatos. Sempre achei absurdo provocar dores em corpos aprovados em exames vestibulares. Receber novatos com pancadaria, um absurdo. Havia um direitismo político ali, mas a ditadura não havia chegado ainda. Alguns direitistas achavam que a gente havia chegado de outro planeta. Fui descobrindo que meu planeta fica em ÓRION, onde a filosofia aflora no meio do caos. Nos intervalos fazíamos política e estudávamos o que havia para estudar. Isso quer dizer que não parávamos de trabalhar. Há algum tempo eu havia vivido uma experiência decisiva. De um professor de escola primária, eu recebi a notícia que existiu no mundo um sujeito chamado Hegel. Aprender, com esse professor, um modo de ter acesso ao pensamento hegeliano foi algo excepcional para mim, pois, com Hegel, viria uma constelação de alternativas filosóficas, incluindo Marx e muitas coisas, até hoje.

Quanto a mim, não me dei bem com o praticismo odontológico, mas fui sendo aprovado até obter o diploma, dada a facilidade de enfrentar os exames

teóricos. Entreguei o diploma a um parente que financiou meus quatro anos na Faculdade de Odontologia de Araraquara, o que muito me honra. Assim como me honra ter sido amigo de um jovem que ali já brilhava com sua criatividade teatral, o corajoso Zé Celso [José Celso Martinez Corrêa], filho do dono de um colégio no qual pude dar aulas de filosofia a alunos das últimas séries. Outro refinado amigo meu, araraquarense desta mesma época de agitações e estudos, foi Luis Roberto Salinas Fortes, sim, ele mesmo, que mais tarde traduzirá *Lógica do sentido*, tendo eu traduzido *Diferença e repetição*, livros de Deleuze. Não sabíamos que viríamos a fazer isso, mas já nos preparávamos para complicar nossas vidas, complicar sim, compor dobras e redobras. Sentíamos que já nos preparávamos para complicações, desde que Hegel já pedia licença para invadir nossas mentes, assim como Marx e Engels, ambos bombardeados por um tipo de pré-bolsonarismo liderado pelo Plínio Salgado do conhecido Integralismo. Mas desde 1961 já se sentia a presença de novos e melhores possíveis em gestação naquela cidade de entroncamentos ferroviários e um novo jornal já se tornava legível, o "Última hora"; assim como o getulismo se esquerdizava, pouco a pouco, até ser perceptível testemunhar a presença de políticos promissores, como Leonel Brizola, Miguel Arraes, notabilíssimo futuro governador de Pernambuco, deposto pela ditadura iniciada em 1964. Estávamos em 1960, vivendo uma certa alegria de juventude disposta a trabalhar pela abertura de novas possibilidades de convivência humana em todos os setores sociais, desde relações intraescolares até reformas sociais de suma importância para as populações do País.

E, por incrível que pareça, aquele momento daquela cidade interiorana era o de uma espécie de salto educacional, pois passava a ser sede de um dos Institutos de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Araraquara pode contar com a abertura de lugares para Pedagogia, Ciências e Letras, de modo que a filosofia passou a ter possibilidade, através da pedagogia, de abrir-se às suas diferentes temáticas, seja as correspondentes ao chamado "espírito científico", seja à "história da filosofia", seja à "filosofia contemporânea" etc. O setor pedagógico contava com a extrema competência do professor Jorge Nagle e no setor de filosofia a competência dependia do professor Fausto Castilho. Além de suas próprias aulas, Fausto Castilho contou com a disponibilidade de outros professores especialistas em determinadas linhas filosóficas. Pudemos contar com aulas dadas oficialmente na USP, por exemplo, por Michel Lebrun, Michel Debrun, Osvaldo Porchat Pereira. Mas cabe lembrar algo excepcional: a ida de Jean Paul Sartre a Araraquara, não apenas para descansar numa famosa fazenda, mas para duas coisas: uma, a filosoficamente principal do ponto de vista teórico, a conferência em que Sartre se sente obrigado a responder como justificar sua própria ideia de sugerir que o marxismo absorva o idealismo humanista do existencialismo, quando se considera a própria crítica de Marx a todo idealismo; a outra, politicamente mais importante do ponto de vista das lutas sociais, foi a festa de perguntas e respostas de que Sartre participou no mais amplo dos salões de festa da cidade, lotadíssimo de trabalhadores rurais, de operários e de estudantes tanto de Araraquara como de cidades vizinhas até São José do Rio

Preto. Nunca se viu um filósofo tão envolvido pelo povo na perspectiva de reformas agrárias e cidadinas. Foram horas e horas vividas ali com muita alegria.

Nesse mesmo ano fui me preparando para fazer o exame de ingresso na Pedagogia de Araraquara. Consegui isso e lá me formei apesar do golpe militar de 1964, golpe que nos fez perder a presença universitária de Fausto Castilho, que, para nós, estudiosos, foi o herói da pergunta que trouxe Sartre ao nosso alcance visual e auditivo, mas também intelectual. Gente, é muito agradável viver ao alcance visual e pensante de filósofos. As dificuldades com os conceitos fazem parte das festas pensantes. As diferenças conceituais brotam das alegres ou perigosas diferenças intra e extra coisas.

A respeito das perguntas sobre o que pude fazer após os quatro anos de Pedagogia e Filosofia em Araraquara, considerando que já estávamos sob discretas e indiscretas observações da ditadura, devo salientar alguns pontos ligados ao esforço de sobreviver em meio a ações pelo menos não destrutivas da possibilidade de retomar meus afetos pela filosofia. O primeiro esforço era achar um emprego em São Paulo. As amizades levaram-me ao setor de reportagem da *Folha de São Paulo*. Fui acolhido, mas reconheço que por amabilidade, pois eu só havia escrito artigos para um jornal de Taquaritinga, artigos carentes da competência que se espera atuante em algo chamado "reportagem". Então, minha tarefa se limitou a cobrir acontecimentos em movimentos estudantis, professorais e educativos. Ao longo dos meses fui observando que meu salário mal conseguia pagar o aluguel mensal de um apartamento próximo da Universidade de São Paulo. Nessa Universidade eu estava matriculado no programa de pós-graduação, frequentando aulas de vários professores, inclusive Bento Prado Jr., que, gentilmente, aceitou orientar meu projeto de doutorado em Filosofia sobre o problema da ideia de sujeito em Merleau-Ponty.

Infelizmente, pouco tempo depois, coisa de dois meses, Bento foi injustamente preso pela ditadura e dispensado do seu trabalho na USP. Perdi meu orientador, restando-me, então, a necessidade de fazer algum outro tipo de esforço enquanto penava no meu restrito jornalismo. Mas, por algum tipo de milagre, esse restrito jornalismo sofreu uma mudança; foi quando recebi a incumbência de fazer uma reportagem a respeito de um moderno ensino de matemática. Os matemáticos são realmente admiráveis. Fico embevecido ao ouvir a explicação de algum perito matemático. Adorei, certa vez, ter aprendido a demonstrar o teorema de Pitágoras. Uma beleza. Para os matemáticos isso é elementar, mas continua belo em minha cabeça. Mas, voltando ao meu trabalho na *Folha*, minha sorte foi fazer uma reportagem junto à magnífica lutadora educacional, Maria Nilde Mascelani, responsável pela criação dos Vocacionais paulistas. Apaixonei-me pelas perspectivas que eram ali estudadas, experimentadas, discutidas, revistas nisto ou naquilo, enfim, todo um universo de criatividade em ebulição.

Mas, antes disso, como sempre estive relativamente atento ao que fazer para que alguma autoridade educacional viesse a perceber que eu poderia ser útil numa universidade, resolvi escrever algo ligado ao campo de atenções mais

elaboradas em pesquisas educacionais. Foi então que, lendo uma flutuação em pesquisas psicológicas ², pude fazer um texto que vocês salvaram do esquecimento. Salvaram muitos anos depois de 1968, ano do crescimento autoritário da ditadura. Antes disso, ouvi da minha querida colega e amiga Cecília Donnangelo, a quem pedi que julgasse o texto do ponto de vista da minha busca de emprego universitário, a nefasta expressão de uma realidade: se é para achar emprego numa universidade, evite mostrar esse texto, pois a força dele suscitará inveja e o invejoso evitará sua presença. Cecília fora a mais considerada aluna de sociologia em Araraquara, mas sua competência só encontrou o merecido acolhimento na Faculdade de Medicina de São Paulo. Como logo em seguida elaborei um projeto de pesquisa relativo à problemática de mercados educacionais, tentei negociá-lo com um dos responsáveis uspianos nesse campo. Ele me disse: "acho muito interessante isso, mas só posso pagar 450 por mês". Quando, já visivelmente alegre, eu ia dizer tudo bem, ele interrompeu a fala e sugeriu: mas ofereça essa pesquisa à Maria Nilde lá no Vocacional. Talvez ela possa pagar um pouco mais. Foi o que fiz. Fui muitíssimo bem recebido. Ela ficou de dar uma resposta em poucos dias, coisa que ela fez em pouquíssimos dias, dizendo o seguinte: posso contratá-lo para chefia do grupo de pesquisa do Vocacional, mas só posso pagar setecentos e tantos por mês. Agradei com alegria, não há dúvida, e deixei o jornalismo que, pagando-me 115 ou 120 por mês, só me ajudaria a patinar nos problemas do aluguel. Mas toda essa recuperação da vida através do Vocacional durou pouco, pois, graças a negociações político-educacionais, fui convocado, nos últimos meses de 1968, para participar de um grupo de professores dispostos a implantar a graduação de filosofia e ciências humanas na Universidade Estadual de Campinas, então em vias de construção.

G.F - Conte como foi o processo de contrato na perspectiva de um futuro Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp?

L.O - Certo dia recebi a visita do professor Fausto Castilho que anunciava o momento de nos organizarmos para constituir um futuro Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em Campinas na Universidade em estado de criação. O momento era oportuno porque os cientistas que contavam com a possibilidade de formação de seus institutos correspondiam a um projeto de implantação de uma

² Todas as referências sobre este processo descrito por Orlandi podem ser encontradas nos escritos que seguem: Orlandi, Luiz Benedicto Lacerda. O problema da pesquisa em educação e algumas de suas implicações. In: Oliveira, Fernando; Figueiredo, Gláucia; Magiolino, Lavínia (orgs.). *Flutuações da pesquisa educacional*. Curitiba: Appris, 2018a, p. 181-199 [Originalmente em: *Educação Hoje*, São Paulo, n. 2, p. 7-25, mar./abr. 1969]; Orlandi, Luiz Benedicto Lacerda. Apontamentos sobre pesquisa em educação. In: Oliveira, Fernando; Figueiredo, Gláucia; Magiolino, Lavínia (orgs.). *Flutuações da pesquisa educacional*. Curitiba: Appris, 2018b, p. 201-220 [Originalmente em: *Cadernos IFCH/UNICAMP*, Campinas, n. 8, p. 1-25, ago. 1983].

nova Universidade Estadual em Campinas. Estes mesmos cientistas foram importantes no apoio do referido projeto do professor Fausto Castilho. Para tanto, era preciso levar em conta que havia a expectativa de se criar um espaço universitário que além da filosofia e das conhecidas ciências humanas priorizasse a importância da linguística, dado a sua riqueza metodológica naquela época. Por esta razão, criou-se a necessidade de convocar professores interessados nesta problemática. Fausto Castilho consultou professores da USP sobre alunos que poderiam ser capazes de corresponder a este problema; foi, então, formado um primeiro grupo de quatro professores que receberiam, mais tarde, a companhia de outros. Deste primeiro grupo, participaram professores ligados às suas disciplinas: filosofia, sociologia, antropologia e matemática. Estes professores foram contratados para cumprir um plano prévio de se reciclarem numa famosa universidade europeia: Besançon (França) para obter certificados de aprovação em disciplinas da linguística e o diploma de mestrado na disciplina de sua escolha. Fui incluído neste grupo. Obtive os certificados no primeiro ano e escrevi o texto do meu mestrado, tendo meu francês sempre bem corrigido pela simpatia do meu excelente orientador M. Peytard e pelos incentivos de sua competente filha. Ganhei a nota *très bien*, garantindo assim meus compromissos universitários. Meu orientador queria que eu fizesse meu doutorado com ele, mas um Diretor brasileiro do meu Instituto na Unicamp não autorizou o prolongamento da minha permanência na França, pois as primeiras turmas de alunos do IFCH já estavam à espera das aulas. O que mais me dá saudades desse passado, é o quanto me fez intelectualmente bem a valorização dada pelo meu orientador ao âmago do meu texto: meu tema impunha a mim mesmo uma atenção especial: *Análise crítica de dois modelos de análise literária: a estética de Todorov*. Entretanto, eu não sabia o que viria a encontrar, além de conceitos analíticos e, provavelmente, alguma hierarquização entre eles ou algo mais interessante e inesperado. E o inesperado foi o que aconteceu: descobri que os dois modelos tinham os mesmos conceitos; só que, num deles, os conceitos iam de “a à z”; e no outro iam de “z à a”. Fiz então a pergunta necessária: “que diferença esteticamente relevante estaria justificando essa estrutura aparentemente brutal, que impõe aos conceitos uma espécie de *zigzag* um tanto quanto aprisionador?”; ou seja: “que problema estético é sondado pela inversão do percurso dos conceitos?”. Minha resposta, felizmente, criou uma alegria, apesar de composta nestas poucas palavras: cada uma dessas duas vias conceituais seria escolhida conforme o fluxo literário se definisse mais como sendo **escrita do ser** ou como **ser da escrita**. É que o momento histórico então vivido era o das experiências de um vasto transformismo, visível nas artes, o “novo romance”, por exemplo. Ao retornar da França cumprindo as exigências da Unicamp e da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) comecei a dar aulas assumindo a disciplina de “Epistemologia da Linguística”, no segundo semestre de 1970.

G.F - Narre sobre tradução e criação a partir de seu encontro com a Filosofia de Gilles Deleuze.

O primeiro sinal que recebi do pensamento filosófico de Deleuze foi em 1968, ao entrar numa livraria em Paris e capturar um dos primeiros livros dele: *Espinosa e o problema da expressão*. O segundo foi *Diferença e repetição*, a tese principal dele, que fui lendo somente aos poucos. É que os problemas que justificavam essa minha primeira temporada europeia estavam ligados a estudos, à obtenção de certificados em Linguística e do mestrado em Estética, obrigações essas que cumpri com muito gosto na Universidade de Besançon e que se me impunham como condições do meu recente contrato pela Faculdade Estadual de Campinas (Unicamp).

Cumpridos esses compromissos, reassumi meus deveres de professor na Unicamp no segundo semestre de 1970 com um curso de Epistemologia da Linguística, trabalhando uma dupla crítica, tanto a um certo ditatorialismo do próprio epistemologismo daquele período, quanto da pretensão de submeter uma Epistemologia da Linguística a uma das vias da Linguística. Naqueles momentos, eu ainda devia minha atenção às diferenças a um filósofo alemão, Heidegger. Além disso, minha nova obrigação institucional era defender, até 1974, uma tese doutoral, o que me obrigou a levar em conta uma filosofia pré-deleuziana, a de Merleau-Ponty. Meu orientador, ex-professor e então meu colega, Michel Debrun, concordou com o tema que propus: *como se dá na filosofia de Merleau-Ponty o reconhecimento da linguagem como problema filosófico?* Cumprida essa obrigação, pude retomar às aulas e uma deliciosa entrega de forças a leituras necessárias a cursos abertos a pensadores contemporâneos que já forçavam o advento de novas maneiras de pensar. O estruturalismo, por exemplo, já se encontrava em estado de análises autocríticas. Já em 1966, com *Les mots et les choses*, Michel Foucault arma nova perspectiva de apreensão de ciências vanguardistas. E Gilles Deleuze, já no volume 8 da História da Filosofia, organizado por François Chatelêt, apresenta sua ampla captura de diferenças presentes nesse movimento da ideia de estrutura³. E ali já se pode notar fortes sinais de uma cuidadosa atenção ao estado em que encontrava a emergência de um mais exigente modo filosófico de pesquisar e pensar, onde se cuida da busca e destaque do novo. Foucault, por exemplo, tem plenamente curtido seu modo de pensar, aliás sempre visitado com alegria por Deleuze, como voltará a ser comprovado no livro que tem o nome "Foucault" como título. Além disso, é de se notar a importância que ele assinala a respeito do elemento ocultado, porém à vista, e que é decisivo nas relações que constituem o conto "A Carta Roubada", de Edgar Allan Poe. Numa estrutura, o elemento de tal importância podia ser chamado de *diagonal decisiva* quanto às posições funcionais dos demais componentes, importância equivalente à determinação, por exemplo, do sentido que ele, Deleuze, atribui ao *Em busca do*

³ DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* [1972] In: A ilha deserta: e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo, Iluminuras, 2006, p. 221ss. Organização e Revisão Técnica de Luiz B. Orlandi.

tempo perdido, de Proust, tomando-o como "aprendizado de um homem de letras", ideia que, como *transversal* (conceito este que ele recolhe de Guattari), passa pela obra como *vibração intensiva unificadora*, o que também ressoa na importância que ele sente nos acontecimentos do "aprender" em educação. É claro que, para meus cursos de caráter introdutório, destinados a jovens professores e a pós-graduandos de várias linhas disciplinares, eu também me apoiava em outros estudiosos de grande valor. Para cursos de filosofia da história, de filosofia das ciências sociais etc. Em Filosofia Política, por exemplo, estabelecia-se primeiramente o "Objetivo do curso"; objetivo entendido tecnicamente, por exemplo: analisando textos consagrados por certa tradição acadêmica (textos parcialmente referidos na bibliografia abaixo transcrita), o curso procura discutir as transformações sofridas pelas questões que articulam noções como "sociedade, estado, poder etc". Em seguida eram anotadas as "Unidades do curso". Por exemplo: 1. O "pacto social" em sua "essência" (Rousseau). 2. A "espessura" do social e a "moralidade objetiva" (Hegel). 3. Críticas à concepção hegeliana do Estado. A crítica marxista entre outras. 4. Dificuldades relativas ao cruzamento de teorias e práticas. 5. A multiplicidade de poderes e sua tematização. "Bibliografia de base": Rousseau, *Do contrato social* (1972); Hegel, *Princípios da filosofia do direito* (1821); Marx, *Crítica da filosofia do estado* (1843); *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1844); Habermas, *O espaço público. Teoria e Prática* (1962); Clastres, P., *La Société contre l'État*, Les Éd. de Minuit, Paris, 1974. Foucault, M., *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Ed. Gallimard, Paris, 1975. Deleuze, G. e Guattari, F., *Politique et psychanalyse*. Ed. Les Mots Perdus, Alençon, 1977.

Cabe notar que dessa época em diante é crescente a aproximação das perspectivas de Foucault, Deleuze e Guattari. Pude acompanhar bons momentos de encontros universitários a esse respeito tanto na Universidade de Campinas (Unicamp) quanto na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na PUC, aliás, pude conhecer a vibração de dezenas e dezenas de estudantes de elevada criatividade e muito atentamente abertos à atividade filosófica de então, o que de certo modo era de se esperar, graças sem dúvida à criatividade de professoras como Suely Rolnik e professores como Peter Pál Pelbart. E por falar nessa dupla excepcional, devo também a ela ter conhecido um dos nordestinos mais fortemente dotados de competência e de conexões sociais que possibilitaram as mais duradouras e ricas conferências sobre Deleuze e Guattari, conferências das quais participaram não só estudiosos brasileiros, mas também estrangeiros especialistas em filosofias contemporâneas. Refiro-me a Daniel Lins, a quem muito agradeço, não só aos convites que dele recebi, mas também ao seu livro dedicado a Bob Dylan.

G.F - Quais eram os problemas enfrentados por Deleuze que mais te comoveram neste processo de pesquisa, estudo e tradução?

L.O: Deleuze enfrenta a estrutura e a psicanálise de um modo avançado, através de uma noção muito nova – a Perpendicular. Mas quais relações vão sendo composta com esta perpendicular?

Linhas. Teoria das linhas. Pragmática das linhas. Linha, conceito operatório para flagrar a multiplicidade de tensões sociais. Emerge do social vibrações de linhas, uma que lança as demais para um nível maior de resistência de uma coisa ou outra, que é fundamental na estrutura. Há uma linha que tangencia e o tangenciar é decisivo. A palavra que ele usou na primeira vez foi *movimento absoluto*. O movimento absoluto você pode melhorar conforme a estrutura e resistência principal. Há uma espécie de ligação com a resistência primeira. É (uma) linha. Não se localiza uma linha. A essa linha, todas outras estão em correspondência. Todas estão em conexão com ela. Pode ser indireta, direta, assim. Entende? É uma questão de ressonância, de modo que uma linha é dinamizada, afetando as demais, movimentos de cruzamento, são *vibrações de linhas*. Pensar por erupção de linhas, as mais inesperadas vêm à tona e outras negadas como importantes, num de repente do tempo ela está no foco. Deleuze não discute o Romance, mas o atravessamento. O que está atravessando o livro todo e segura os detalhes. O sopro da linha. A linha é atravessadora até que uma delas é mais vibratória. Esse livrinho é o aprendizado de um homem de letras. Esta é a saída do estudo. A saída perpendicular. É o transversal do nosso outro amigo. O transversal é a perpendicular. Só que trabalhar de um jeito que não repete simplesmente, não é cópia do outro. É atravessamento. É um aprendizado. É a narrativa do aprendizado de um homem de letras. É nele que existe o esforço máximo de esgotar as linhas. Que não são as linhas. Eu estou numa linha. Você está na transversal.

18

Podemos levar o emaranhado de linhas até um tipo de entendimento que não o perca como realidade. Pode se dizer aparentemente absurdas, mas que ressoam a vibração das linhas. É possível entendê-las, quando, por exemplo, Deleuze valoriza o termo “Transe” do cineasta brasileiro Glauber Rocha. Ele fica atento pelo filme *Terra em Transe*. Por quê? Porque corresponde a um momento que o cinema está descobrindo a falta de povo no mundo das ações reformadoras. Despenca a ideia de povo. Vivemos dia a dia buscando a transgressão do próprio passo para não cair. Segurando o próprio passo para não cair. Segurando uma que permita sua trans, seu traslado. Fazendo-se vibrar nas outras. Eu acabei de descobrir que você é o que te segura e, portanto, agora eu posso passar.

GF – Como entender este movimento de “Trans(e)”?

L.O – O transe corresponde ao conceito de diferen(ç)ação. Quando vai analisar, cinematograficamente, Deleuze detecta em vários cineastas, uma problemática de “falta de povo”. Nada se resolve pela estrutura. Sabendo onde está a força, onde está o essencial desse trânsito. Essa travessia. Olhar o que é a essência dela. Pensar diferença *diferençante*. É uma Intensiva Intensa. É como se ela, a diferença, relampejasse para todos os lados. A partir dela, uma faísca, para aquela que está segurando aquele pequenino detalhe, você tem algo comigo. A intensidade inflama o resto. Às vezes, a intensidade é mansa. Uma das imagens mais belas do intenso podemos ver no filme italiano *O Leopardo*. O intenso dele é o “tarde demais”. O intenso dele “é o tarde”!. São as emoções de ganhar a guerra. E o futuro é negociável, mas havia um excedente que era inegociável, o *amor*. É o

melhor filme que já aconteceu. É uma nobreza do ator. Ele era um nobre em todo o sentido. *O amor é um excedente inegociável*. Impõe-se o silêncio do acordo e da atração mútua. Querer sem a visibilidade da potência do jovem e sem a piada do velho. Aquilo deixou de acontecer pela distância irresolúvel no tempo e no espaço. Era apenas uma dança, mas aquilo foi uma vibração inesquecível, uma sensação de amor, um afeto mútuo, impedido pela imposição de (um) tudo à volta.

G.F. – Como você construiu o seu “traduzir”? Traduzindo?

L.O - Exatamente. Traduzir era uma espécie de treino. Escrevo uma página e faço a seguinte. Corrijo e escrevo outra. Então, a consistência era importante. Uma página que leva um pedaço de um dia e outro pedaço de outro dia. Mas com a segunda página eu fazia o mesmo. A média de produção era de uma página a cada dois ou três dias, eventualmente. Mas, de qualquer modo, o segundo dia já tinha o primeiro contato com a segunda parte. Então, o primeiro dia, traduz. No dia seguinte, de revés, traduz o segundo. A partir do segundo dia, você quase vem ganhando uma por dia. Sim, ganhando. Mas você fica desconfiado em vários lugares. Anota, marca esta palavra aqui, uma expressão ali e vai estudando ao mesmo tempo o que traduz. Eu ficava de olho no *caderno de tradução* porque, como eu não tinha domínio do computador, eu era às vezes obrigado a percorrer tudo por causa de uma palavra. Naquela época traduzir era mais difícil. Hoje, para traduzir uma coisa, existem muitos vocabulários, outras tecnologias, então, fica mais fácil. Mas era o vocabulário que eu ia querendo. Estava com os livros e livros, despencando tudo. Eu tinha que ter cuidado para não perder palavras. Estar atento a erros conceituais e linguísticos sempre. E mesmo assim, eu sou perito em cometer erros. Vivo agradecendo as ajudas que recebo das pessoas hiper competentes no pleno domínio de línguas e linguajares de outros países. O que salva um pouco minhas traduções muito bem tratadas pelas revisoras deve ser, sem falsa modéstia, minha íntima conexão filosófica com as ondas conceituais do pensamento do filósofo. Eu traduzo por dentro do que ele quer dizer. Quando sinto a ameaça de uma incompreensão, acuso-me de estar quase errando na compreensão do texto; então retomo o jato tradutório, alivio a pressa, entrego-me à movência daquele modo de pensar e sondo sua ligação com outros atravessamentos difíceis.

Em resumo: eu traduzo como quem teme estragar o andamento daquilo que o autor está pensando. A primeira tradução que fiz em parceria com Roberto Machado demorou um ano ou mais um pouco. Acho que traduzi em um ano e meio. Primeiro tive que comprar uma máquina de escrever. Nova. Alemã. Fazia uma barulheira. A primeira máquina que usei para fazer a primeira tradução está aqui ainda. E eu fazia uma página por dia. Faço uma e no dia seguinte eu corrijo. Revejo. Faço outra e revejo. Este era uma espécie de método – *traduzir, conferir, corrigir*.

“Pensar tornou-se novamente possível”. Olha que frase. Foucault afirma isso na introdução do *Anti-Édipo*. Esse pensamento tornou-se algo novo. É uma *pragmática nova*. Ele está em uma problemática nova. Ele está na intersecção. Está passando. É como se o Foucault estivesse passando a bola. E como o Deleuze

vem colado a cada publicação do Foucault e ele faz um pequeno resumo. Ele está como o quê? Vendo para onde vai, descobre uma outra maneira, porque é uma análise de discurso forte do Foucault. E eu às vezes perguntava: “qual será o conceito que está operando isso? Quem está operando para essa novidade aparecer?”. Como surge esta diferença necessária? Algo está necessariamente cutucando. Para desabrochar. Como fazer? Mas Deleuze vem treinando isso. Porque ele sempre estuda os outros. Desde sempre, ele estuda os outros. E estuda e explica. O que ele explica nas aulas, ele está ao mesmo tempo estudando. Deleuze é exaustivo, é cansativo. Eu tentei em inúmeras aulas elaboradas, acompanhar este movimento dele, os alunos quase morriam porque é muito difícil acompanhá-lo, é denso. São mínimos, os detalhes em cada estudo. Deleuze tinha movimentos intervalários em suas dedicações monográficas a um pensador. Um exemplo disso é possível de se constatar entre os anos de 1966 a 1968, período em que ele se dedica a Bergson e escreve o livro *Bergsonismo*, ao mesmo tempo, se posiciona no entremeio desta dedicação e seus detalhamentos, a outros filósofos. Deleuze escreve a sua tese sobre Espinosa – *Espinosa e o problema da expressão* – ao mesmo tempo que se dedica à escrita de sua tese *Diferença e Repetição* defendida em 1968, ele não cessava em fazer *intercessões diagonais*. Escrevia artigos em revistas, conversava com psicólogos, artistas, simplesmente, não havia parada.

G.F - De que maneira o trabalho tradutório contribuiu com a sua prática docente e para as suas pesquisas. Ou seja, - tradução, docência e pesquisa - como esse trígono, foi desenhado no decorrer de sua trajetória acadêmica?

L.O - A cada vez que você traduzia uma obra, saltava um conceito, um problema, e isso se tornava, de alguma maneira, objeto de aula, de preparação aulística. Esse preparo vou chamar de *emoção sucessiva*. Quando você se sente, às vezes empurrado, apresentado, indicado, ou às vezes, digamos, colocado diante de um professor capaz de fazer isso. Toda vez que você der o passo, seja o primeiro, o segundo, o terceiro passo para dar uma aula a respeito de um pensador que te ultrapassa, ele ensinará para você coisas que você nunca imaginaria. Então, a primeira coisa que você sente é uma espécie de *disputa com você mesmo*. Você tem que ser capaz de não estragar esse cara, esse pensador. Você tem que pensar a todo tempo: “não posso estragar isso!”. As minhas emoções disparadas por ele não podem estragar esta tradução, não podem estragar uma aula. Inclusive, às vezes, preciso até fingir que aquilo é cognoscível, digamos assim, e que talvez você consiga *entender junto* com os alunos aquilo que te arrebatava, que te violenta - o signo. O “não dado” habitando todo aquele “dado”. E às vezes, de repente, aparece um aluno brilhante que chega e fala: “olha, professor, eu preferiria tal palavra para traduzir isso ou para dizer esse algo mais”. Como eu já encontrei alunos capazes disso. Principalmente alunos que estudavam grego. Se você tiver esse espírito de receptividade ao susto, à novidade, que é o espírito do *aprendiz eterno*, ele tem sempre que aprender algo e seja lá com quem for, seja até através de uma folha caindo, há sempre algo a

ensinar a você. Algo a mais. Então, o que a tradução auxilia tanto na docência quanto na pesquisa é a não-presunção de estar sabendo. E aí deslança uma vontade de aprender junto, de abrir o campo de tal maneira, que todos possamos nos ajudar a fazer um *mutualismo dentro de nós*. Isso é brutal. *O segredo está no Mutualismo*. Aí está o elemento genuinamente pedagógico que liga a tradução à uma aula. Isso é um grande alívio. Acho que alívio é um termo bem adequado para essa história de estarmos juntos no enfrentamento das dificuldades. É disso que se trata. Sempre a alegria gerada por este estado de mutualidade. A alegria, já sabemos, o efeito dela é esse – a criação.

G.F – Sobre esta alegria gerada pelo “mutualismo” fale sobre seus bons encontros nas dinâmicas de tradução.

L.O – A respeito da minha relação com Roberto Machado, encontro-me numa situação embaraçosa, porque a morte dele e a morte do amigo que nos colocou em contato pessoal, o nosso querido hegeliano de altíssimo nível, Marcus Lutz Miller, deixa minha narrativa sem apoio externo. Ambos se conheciam desde um encontro que tiveram na Alemanha. Como, na Unicamp, eu estava numa situação de poder convidar colegas para o nosso recém-criado Departamento de Filosofia, consegui propor a contratação do Marcus. Tendo chegado ao Brasil e sabendo, com bom humor, que eu estudava Deleuze, justamente o pensador que apunhalava o universal hegeliano ao dizer que o singular é o mais universal, Marcus, recebendo a visita de Roberto aqui em Campinas, contou a ele qual era naquele momento a minha preferência filosófica. Isso bastou para que Roberto, já envolvido com as obras de Foucault e de Deleuze, ficasse curioso para conhecer um tal de Orlandi ligado a estudos deleuzeanos, no interior paulista. Foi nesse encontro, ocorrido quando eu já estava brincando de ler-traduzindo *Diferença e repetição*, que Roberto, com muita alegria e cordialidade, propôs a mim que eu fizesse oficialmente essa tradução, da qual ele detinha o direito de fazer. Temendo assumir essa responsabilidade, aceitei esse decisivo convite, lembrando a ele minha necessidade de nos juntarmos nessa difícil tarefa. Prossegue ainda a necessidade de aperfeiçoarmos essa tradução. Mas isso não deve ser motivo para brigas idiotas. Aperfeiçoar algo é ato que a própria realidade espera dos que nela vivem.

O Roberto Machado foi importantíssimo. Ele foi responsável pela minha presença nesse campo da tradução através do nosso trabalho com a obra *Diferença e Repetição*. Depois que isso aconteceu, eu fui detectado, descoberto, por um francês que estava aqui no Brasil. Oficialmente como, não sei, lidava com uma espécie de representante dos estudos franceses no Rio de Janeiro – Éric Alliez. Ele e Roberto tinham alguma relação também. Este foi um encontro bom. Ficava meio difícil de acontecer. Até que um dia, eu perdi a minha linha de suportabilidade. Fiz um encontro porque o Rio é muito melhor falante, não é? O paulista tropeça, tropeçamos na dicção. O Eric que era o encaminhador e foi aí que se criou a Coleção “Trans” na Editora 34. Me parece que este projeto inaugurado por ele foi um dos grandes marcos de recepção e publicização das obras de Deleuze no Brasil. Eu começo a traduzir e ser revisor técnico a partir

daquele momento e destaco a importância crescente do trabalho editorial de Alberto Martins na Editora 34.

G.F – Sou grata ao meu amigo, incentivador e mestre Orlandi por tantos momentos de risadas infindas que aconteciam em nossa convivência durante os dias que estabelecemos estas conversações. Aprendizares contínuos e ilimitados reforçavam em mim esta sensação arrebatadora de que Orlandi é um Pedagogo nato porque é uma presença mobilizadora. Como sempre o nomeio? Um *fabuloso mobilizador de emoções criativas*. Agradeço que nossas linhas loucas tenham se cruzado no passado e permanecido laceadas desde então, uma laçada leve. Laço que nunca virará nó, laço deslizante tanto neste presente que é beleza de estar presente quanto no vindouro que já dura neste agora que escrevo um agradecer-acontecimento (verbo no infinitivo). Estar ao lado de Orlandi é sempre uma experiência agradável, pois ele tem este dom singular de aglutinar Seres e Coisas – multiplicidades aberrantes em expressão pura. Orlandi vive dando vida. Como não amá-lo? Como não admirá-lo? Como não desejar sua companhia e seu acompanhamento? Ele pode estar fisicamente ou não realizando a tarefa filosófica e pedagógica do delírio necessário, mas fato é que a presença de Orlandi sempre será marca por onde passou, passa e passará.